

## ESQUELETOS DO NUNCA

Claudio Daniel<sup>1</sup>

“Este livro é construído por suas obsessões”

— Henri Meschonnic, a propósito do *Eclesiastes*

### CONFISSÃO

No apodrecer de mim, caranguejos copulam em minhas órbitas.

(Mademoiselle Mélancolie)

### LAFORGUE

"Praia de ossos", mamilo que traduz a lua; minúsculo esqueleto branco, Schopenhauer, música essa flor que saboreia minha língua.

(Quando?)

### PROUST

Cabeleira leonina, multiplicação de prismas, tanto deserto, Renée, música nenhuma, contornos que se desfazem, gravuras de bonecas espanholas, Renée, o movimento das falanges, palavras secas na fotografia, desmembrando.

(Atibaia, após 1985)

### AEROPORTO

Roubava revistas de jardinagem e culinária japonesa com a tranquilidade de um colecionador de térmitas.

(Congonhas, s/d)

---

<sup>1</sup> Claudio Alexandre Barros Teixeira, doutorando em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo.

## **JEUNESSE**

Renée gostava de revólveres, conhaque, música de Bach, jogos de memória, lenços de seda indiana, livros de Jung.

(Sabiá, 1985)

## **INFÂNCIA**

Caveira de macaco com rubis nas órbitas. Reprodução de mapa do século XVI. Estátuas dos sete sábios da China. Espátula de bronze na forma de demônio. Brinquedos de infância.

(Moema, s/d)

## **OBSCURO**

O sempre fascínio por essa gargalhada, essa fome, essa lâmina, música que destroi a floresta dos peixes.

(Universidade, 2011)

## **MALLARMÉ**

*Ce Conte s'adresse à l'Intelligence du lecteur, qui met lês choses em scène, elle-même.  
(Igitur, en se tombeau)*

## **ÓBVIO**

O desprezo ao óbvio de anúncios, epitáfios, crônicas, bilhetes, memorandos, maus poemas, sociologias, cartões-postais.

(Universidade, 2011)

## **DOMINGO**

Vitrais; estátua africana; cúpula-cogumelo; o cheiro do cachimbo; voz monótona; fatias de alcatra; um pão sem gosto de nada; relógio de pulso; imobilidade; súbito, enormes tetas brancas, sob o decote verde.

(Casa do Quem?, 1972)

## **MÃE**

Concerto para cordas, flores sintéticas, rosário nas mãos magras, caixão desce pelo fosso, no centro da plateia mal iluminada, até virar cinzas.

(Vila Alpina, 2005)

## **PAI**

Pele fina como folha de papel. Grossas veias. Dedos amputados, barba por fazer. Um sorriso implorando pela desmemória.

(Hospital, 2005)

## **BILHETE**

Madame La Mort passou por aqui.

(Allemonde, s/d.)

## **?**

Esfiapasse até a ruptura, quando os dragões vivos.

(Destempo, desespaço)

## FIBRA

Drenavam seus fluidos, não sua fúria.

(Terra do Não, s/d)

## POE

A mulher que matou os gatos da vizinha nunca leu Edgar Allan Poe.

(Curitiba. Hoje, ontem?)

## PESSANHA (I)

Releio *Clepsidra*. “Oh cores virtuais que jazeis subterrâneas”. Sem ópio ou cápsula para abolir a percepção do tempo. “Fulgurações azuis, vermelhas, de hemoptise”. Numa autópsia de mim, mapas aloprados que não conduzem a parte alguma.

(Aqui, 2011)

## PESSANHA (II)

“Abortos que pendeis as frentes de cidra”. Formigas saem de meu olho esquerdo. Penso num verso com *esquifes e sequóias*. A página em branco rasura minha completa falta de imaginação.

(Ali, 2011)

## AUTORRETRATO

Funambulesco, funâmbulo, volantim, burlantim, volteador, aramista, equilibrista, fazedor de bicos.

(*Toujours, all the time*)

### **VISION OF PARADISE**

Botas de cano longo. Meias de seda preta. Saia curta xadrez. Trança marrom jogada para um lado. A passante de Baudelaire, que nem olha para mim.

(MASP, s/d.)

### **VISION OF HELL**

Botas de cano longo. Suspensórios. Cabeça raspada. Cruz de ferro tatuada no braço. Longo mergulho até espaço prisional.

(MASP, s/d.)

### **ARIADNE (I)**

Papila, vermelhidão, nunca de corvos, qual é a palavra? (lontra ou testículos), vontade cíclica de beber um chá com a Morte.

(Início da página, 1994)

### **ARIADNE (II)**

Desfolhá-la até os maxilares, ao me transformar em Labirinto.

(Fim da página, 1984)

### **ARIADNE (III)**

Quem é a Fera?

(Fora da página, 1987)

### **PALAVRA (I)**

Mercurial, palavra para um poema que nunca escrevi.

(Agora)

### **PALAVRA (II)**

Já que não desprezo nenhuma palavra, encanta-me pergaminho onde estranhos cães da fala.

(Antes)

### **PALAVRA (III)**

Homem atravessa a rua, veias escuras no antebraço, como letras confusas. Nenhuma palavra é possível, nem mesmo em sânscrito. Não há o que dizer: este é o tempo do corvo e da gargalhada.

(Durante)

### **DIFAMAÇÃO**

Bombas de fósforo branco sobre Gaza – e a difamação dos mortos.

(Palestina, até agora)

### **JERUSALÉM**

*Al-Quds*. Pequenos restaurantes, lojas de roupas, chá, tabaco. Não é permitido fotografar o espancamento.

(Ethos, 2007)

## **AL-NAKBA**

Feras aladas relinham, relinham (oh filhas de Jerusalém!), enquanto se espalham cabeças.

(Ethos, 2007)

## **PAISAGEM**

Flores amarelas. Sentado no banco do jardim, vejo a dança das três meninas e não escrevo nenhum poema.

(Num setembro qualquer)

## **METAFÍSICA**

Ombro tatuado. Sapatos baixos, escuros. Pele muito clara. Leque madrileno. Dança de passos breves, curtos, infinitos.

(Idem)

## **RUÍDOS**

Flores primitivas, tetas são ruídos na brancura.

(Buenos Aires, s/d. )

## **ONDE**

Onde o verde da palavra, onde o asco da palavra, caranguejo devora o espaço em branco da página.

(?)

## **LUTA DE CLASSES**

“Semeiei dragões, colhi pulgas”, salmodiava Marx (antevisão do deserto).

(Num cemitério londrino)

## **LIRISMO (I)**

Noite reinventa estrela, estuque, escaravelho: permaneço vivo por uma questão de etiqueta.  
(São Paulo, a Horrível)

## **LIRISMO (II)**

Só acredito na ferocidade do corpo, na música epidérmica, quando você me desnasce.

(Apócrifo de Restiff de la Bretonne)

## **REPLICANTE**

Anfibiamente — ou talvez lupino, retrátil, sombra, lacraia (...). Monstro que devora seus pedaços, como um espelho que comesse o próprio vidro.

(Refabulando Ridley Scott)

## **CRASH**

Pernas mecânicas. Saia de couro preta. Um mapa da Lua desenhado nas costas, à maneira de cicatriz.

(Refabulando Cronenberg)

## **GOTHIC**

Dama inglesa desoculta olhos nos mamilos. Toda paisagem é uma ficção?  
(Refabulando Ken Russell)

## **DOGVILLE**

A compaixão dispara balas calibre .45

(Refabulando Lars von Trier)

## **DIFRAÇÃO**

Difração é o tempo em que viajamos entre palavras e coisas, memórias e ressentimentos. Nossos focinhos avançam para além dos retratos e nada encontramos além de fungos, fiapos, fêmuers.

(Do *Dicionário Pessoal de Bolso*)

## **SOMBRA (I)**

Mortos habitam meu poema. Defraudam a sombra. Esqueletos do nunca, mastigam cada palavra, depois lambem os ossos.

(Entre as pálpebras, *cuándo, mi señora?*)

## **SOMBRA (II)**

Paul Celan veio aqui, fumou um cigarro, depois jogou-se no rio Sena.

(Paris, a cidade das luzes)

## **VOLUME, COR**

Navega-me, hidrófoba, acende linhas e planos, com a paleta da língua; coxas expandem-se, laboriosas, quando tudo é pele, volume e cor, quando tudo é estrondo.

(Do *Diário Sentimental*)

## **AMIGAS**

Mordiam-se nos mamilos, durante o banho; unhavam-se, lambiam-se, como gatas.

(Ao sul do Equador)

## **DISPERSÃO**

Dispersão é o tempo em que répteis assistem a noticiários de TV enquanto garotos primitivos como as flores saqueiam supermercados e os incendeiam.

(Do *Dicionário Pessoal de Bolso*, II)

## **PROFECIA**

Quando chegar a Mulher Toda Nua, com a sua pose criselefantina, o poeta dirá as coisas mais terríveis; tirará dos bolsos as cartas dos quatro naipes e exigirá um Sentido que não seja o da mera trama do acaso, mas ela rirá de sua face nervurada e o pisará com o mais puro desprezo.

(Do *Livro das Profecias*)

## **LA ISLA (I)**

Pianos em toda parte. A ilha é tão musical. Lezama Lima contava os fragmentos da noite, enquanto a Minerva definia o mar. *Que viva Cuba, hombre!*

(Havana Sobrenatural)

## LA ISLA (II)

Pianos em toda parte. Fatias de carne vermelha, garrafas de rum sobre a mesa, busto de Lênin contempla morenas colegiais que cavalgam bicicletas como valquírias.

(Havana Sobrenatural)

## PALAVRA INCÓGNITA

I

Replicando cacos, desentranhado, com fome de lobo: indecifra-me, desatina-me, desvirtua-me, desacerta-me, escurece-me, ilumina-me.

II

Aracnídea, tantaliza-me.

(Do *Pequeno Tratado de Intertextualidade*)

## NO RESTAURANTE AZUL

Autópsia de uma saudade: máscaras japonesas, delicadas taças de laca, olhos que se afastam, aéreos, até se tornarem palavras.

(03/12/2011)

## ENIGMA

“É preciso me amar até os ossos.” Com a intensidade da cremalheria, com o silêncio de um enigma que nunca se completa.

(Delfos, era mítica)

## DE UM MANUSCRITO APÓCRIFO DE CÉSAR VALLEJO

Você não acredita sinceramente no silêncio da madeira, na fala dos ocos. Impossível decifrar a violência do amor: teu olho, minha carne, relógios, pêlos púbicos, realidade feita de líquidos e alarme.

*(Textos apócrifos de poetas célebres, 1974)*

## RIMBAUD, MON FRÈRE

*Oisive jeunesse / A tout asservie / Par délicatesse / J'ai perdu ma vie.* O comércio na Abissínia foi um esplêndido disfarce para o retorno ao anonimato.

(Madame Désolation)